



Tear Online é licenciada sob uma Licença Creative Commons.

O VOLUNTARIADO EM ESCOLA CONFSSIONAL: UMA EXPERIÊNCIA DE (ECO) ESPIRITUALIDADE E DIACONIA A PARTIR DA CIDADANIA PARTICIPATIVA

Volunteering in a confessional school: an experience of (eco)spirituality and diaconal service through participatory citizenship

Gilson de Oliveira Cardoso^{1*}
Patrícia Machado Vieira^{2*}
Nilton Eliseu Herbes^{3*}

Resumo: Este artigo propõe uma reflexão sobre a possibilidade de uma ecoespiritualidade, com base na concepção de espiritualidade cristã e em sua relação com a diaconia e a cidadania participativa. A reflexão fundamenta-se em um estudo de caso, a partir da experiência de criação e organização de um grupo de voluntariado em uma escola confessional na cidade de Porto Alegre, durante as enchentes que atingiram o estado do Rio Grande do Sul em maio de 2024. O relato da experiência, vivenciada por alguns dos autores deste trabalho, aliado a uma pesquisa exploratória sobre os conceitos de diaconia, ecoespiritualidade e cidadania participativa, fundamenta a reflexão proposta. O artigo sustenta que a prática do voluntariado, quando vinculada à dimensão religiosa e compreendida como diaconia, contribui para o fortalecimento da concepção de uma ecoespiritualidade enraizada na história pessoal dos sujeitos e no contexto contemporâneo. Além disso, aponta-se sua potencialidade para o desenvolvimento de uma cidadania participativa.

Palavras-chave: Voluntariado. Diaconia. Ecoespiritualidade. Cidadania participativa.

Abstract: This article proposes a reflection on the possibility of eco-spirituality, based on the concept of Christian spirituality and its relationship with diakonia and participatory citizenship. The reflection is based on a case study, drawing on the experience of creating and organizing a volunteer group at a religious school in the city of Porto Alegre during the floods that hit the state of Rio Grande do Sul in May 2024. The account of the experience, lived by some of the authors of this work, combined with exploratory research on the concepts of diakonia, eco-spirituality, and

¹ Gilson de Oliveira Cardoso. Mestre em Educação. Doutorando em Teologia. Faculdades EST. São Leopoldo, RS, Brasil. gilsonoliveiracardoso@gmail.com.

² Patrícia Machado Vieira. Mestre e Doutoranda em Educação. PPGEdu/UFRGS. Porto Alegre, RS, Brasil. pati_mvieira@hotmail.com.

³ Nilton Eliseu Herbes. Doutor em Teologia. Faculdades EST. São Leopoldo, RS, Brasil. nherbes@yahoo.com.br

participatory citizenship, forms the basis for the proposed reflection. The article argues that the practice of volunteering, when linked to the religious dimension and understood as diaconia, contributes to strengthening the concept of eco-spirituality rooted in the personal history of individuals and in the contemporary context. In addition, it points to its potential for the development of participatory citizenship.

Keywords: Volunteering. Diaconal service. Eco-spirituality. Participatory citizenship

1 Introdução

Segundo definição da Organização das Nações Unidas, "voluntário é o jovem ou o adulto que, devido a seu interesse pessoal e ao seu espírito cívico, dedica parte do seu tempo, sem remuneração alguma, a diversas formas de atividades, organizadas ou não, de bem estar social, ou outros campos"⁴. Para Corullón⁵, o voluntário é o ator social e agente de transformação, que presta serviços não remunerados em benefício da comunidade; é aquela pessoa que, doando seu tempo e conhecimentos, realiza um trabalho gerado pela energia de seu impulso solidário, atendendo tanto às necessidades da pessoa próxima ou aos imperativos de uma causa, como às suas próprias motivações pessoais, sejam estas de caráter religioso, cultural, filosófico, político, emocional.

A partir dessas definições se percebe que o voluntariado tem proximidade tanto com questões religiosas e/ou de espiritualidade quanto com questões de ordem cívica e/ou social. É esta ideia que justifica o desenvolvimento do presente artigo enquanto reflexão sobre a possibilidade de uma ecoespiritualidade. Parte-se da espiritualidade cristã e sua relação com a diaconia e a cidadania participativa. Neste sentido, o termo espiritualidade aqui presente é alicerçado no entendimento de que esta não acontece de forma separada da vida prática e da história das pessoas, como se fosse vivenciada apenas em momentos específicos do cotidiano, tais como durante uma oração, retiros, cultos ou celebrações. Este entendimento é importante e necessário porque atualmente parece haver uma valorização da espiritualidade em

⁴ ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. O trabalho voluntário e a ONU. **Nações Unidas**. Disponível em: <<https://www.un.org/pt/rio/carreiras/voluntariado#:~:text=De%20acordo%20com%20as%20Na%C3%A7%C3%B5es,estar%20social%20ou%20outros%20campos>> Acesso em 23 jun. 2025

⁵ CORULLÓN, Mónica. Trabalho voluntário. **Espiritualidade e Sociedade**. 1996.

diversas expressões religiosas, incluindo o cristianismo em geral, que consideram justamente uma visão dualista, separando ou tendo como contrárias, dimensões como fé e vida, espírito e corpo, oração e ação.

A percepção de espiritualidade que compreende a unidade entre ação e contemplação possibilita o diálogo com o termo diaconia, que emerge como uma dimensão prática da fé e da espiritualidade, ao mesmo tempo que comprometida com a promoção da dignidade humana e do cuidado com a criação. Além disso, essa mesma concepção de espiritualidade também enxerga a pessoa na sua integralidade e em sua relação com a pessoa próxima e com os acontecimentos da história, permitindo trazer para a discussão, a partir da experiência de um grupo de voluntariado criado no período de emergência social e climática ocorrida em decorrência das enchentes que assolaram o Estado do Rio Grande do Sul em maio de 2024, a ideia de ecoespiritualidade. Esse termo parece estar em sintonia e oferece pistas de diálogo e reflexão com o contexto contemporâneo, marcado, entre outros, por desafios sociais, ambientais e religiosos.

A pesquisa exploratória sobre os termos relacionados - diaconia, ecoespiritualidade e cidadania participativa - limita-se a autores com conceituações que dialogam com a Teologia Prática, como forma de promover uma relação mais apropriada com a noção de voluntariado. Oferecendo aporte para as ideias relacionadas à diaconia, tem-se presente o pensamento de Sebastião Soares (1999), que realizou um estudo sobre a diaconia no Novo Testamento em diálogo com a realidade latino-americana e suas igrejas hoje. Como base para a reflexão sobre espiritualidade, utiliza-se a compreensão de Ildo Perondi (2008), que aborda o tema a partir de uma perspectiva cristã na pós-modernidade; e para a ecoespiritualidade, a concepção de Emerson Silveira e João Silveira (2019), que discutem a relação entre ecologia e religião na modernidade tardia e questionam se a ecoespiritualidade seria uma nova gramática espaço-temporal. Já a concepção de cidadania participativa utilizada é a apresentada por Thyeles Strelhow (2016) em suas pesquisas, ao referir-se à dignidade humana a partir de uma perspectiva relacional coletiva.

Pela experiência imersiva dos autores durante o período de criação e consolidação do grupo de voluntariado aqui apresentado, a pesquisa caracteriza-se como um relato reflexivo, constituído como um estudo de caso (Gil, 2008) e com o

objetivo principal de refletir sobre a experiência vivida, a partir dos conceitos de diaconia, ecoespiritualidade e cidadania participativa. Além disso, cabe destacar a importância de uma leitura pautada na centralidade das pessoas, na experiência vivida e na perspectiva integral na compreensão dos sujeitos.

2 A experiência de criação e organização de um grupo de voluntariado

Ainda nos últimos dias de abril de 2024, o Estado do Rio Grande do Sul foi atingido por fortes e ininterruptas chuvas que, combinadas com outros fatores, levaram a uma intensa crise climática. As ruas e avenidas de Porto Alegre foram tomadas por uma enchente de proporções que só se tinha notícia há quase cem anos, desta maneira, estabeleceu-se uma crise humanitária na qual milhares de pessoas precisaram sair de suas casas, deixando tudo para trás. Neste contexto, logo nos primeiros dias de maio de 2024, um grupo de pais e mães de estudantes do Colégio Salesiano Dom Bosco procurou os responsáveis pela instituição para saber como poderiam contribuir em alguma campanha solidária, tendo em vista que o Colégio tem organizada, permanentemente, coleta de doações. De imediato, o Colégio acolheu esse pequeno grupo de famílias voluntárias, nascendo assim a ação que deu origem ao grupo de voluntariado.

No primeiro momento, o grupo organizou e encaminhou para uma instituição próxima à escola, que já estava afetada pela enchente, a doação de roupas para adultos e roupas de frio. A partir daí, o número de doações por parte das famílias da comunidade cresceu exponencialmente, ao mesmo tempo em que o pedido de ajuda de outras instituições que estavam acolhendo desabrigados.

Em poucos dias, o Colégio já estava sendo reconhecido como um espaço de organização de doações. Instituições de diferentes regiões do país começaram a contatar a direção escolar, a fim de enviar ajuda dos mais diferentes insumos e necessidades: roupas, alimentos, colchões, produtos de limpeza, itens de higiene pessoal etc. De forma muito natural, organizou-se uma rede de pessoas que passaram a exercer o voluntariado diariamente no Colégio. Com o término do período mais crítico da enchente e com o retorno às atividades normais do Colégio, um grupo de pais e mães se mobilizou para continuar com o trabalho, uma vez que muitas das famílias ainda continuavam desalojadas e com as necessidades mais diversas. Criou-

se, assim, o Grupo de Voluntariado Pais e Amigos do CDB. Um espaço físico do Colégio foi destinado para o armazenamento das doações e para que o grupo pudesse fazer o atendimento das famílias e instituições necessitadas.

Atualmente, o grupo organiza campanhas diversas para arrecadação de doações e/ou fundos para aquisição de itens básicos que atendem às necessidades de distintas comunidades e instituições.

3 Voluntariado como (eco)espiritualidade e diaconia

Neste trabalho, parte-se do entendimento de espiritualidade como uma dimensão do ser humano que não acontece de forma separada da vida prática e da história pessoal, mas, pelo contrário, trata-se justamente da unidade ação-contemplação. A visão dualista da espiritualidade, que ora se observa em alguns contextos religiosos, não acontece por acaso. Toda pessoa e comunidade é situada histórica e geograficamente, além de ser influenciada pela visão de mundo predominante. No caso do mundo ocidental, este é herdeiro de uma cosmovisão dualista originada na Grécia antiga, com Platão e reforçada pela filosofia moderna de, entre outros, René Descartes. Em outras palavras, o mundo ocidental carrega o dualismo platônico e cartesiano na própria consciência e acaba por reproduzi-lo na vida de fé e espiritualidade.

No entanto, se faz necessário lembrar onde se forjou a experiência de Deus que fundamenta o cristianismo. Para os hebreus, entre os quais Jesus viveu, não havia dualismo entre corpo e alma. O termo espírito, em tal concepção, não designava uma entidade dissociada do corpo, mas sim a totalidade da experiência humana – abrangendo corpo, mente, saúde, oração, ação, relação com Deus e modo de inserção no mundo. Dessa forma, ao abordar a espiritualidade cristã, torna-se essencial compreendê-la como expressão integral da vida da pessoa em sua plenitude. A espiritualidade de Jesus Cristo não se referia apenas aos seus momentos de oração, mas também às suas ações concretas: a partilha do pão, as curas, a expulsão do templo, enfrentamento e denúncia da hipocrisia das autoridades políticas e religiosas etc. Assim, entende-se a espiritualidade cristã como uma unidade ação-contemplação e como diaconia e/ou serviço.

O autor Ildo Perondi, ao abordar o tema da espiritualidade a partir de uma perspectiva cristã na pós-modernidade, inicia a sua reflexão lembrando a pergunta do povo de Deus durante o exílio da Babilônia, à beira dos rios: “Como podemos cantar um canto ao Senhor em terra estranha?”⁶ e serve de inspiração para a pergunta presente na elaboração deste artigo também: como podemos perceber sinais de espiritualidade na terra estranha de uma catástrofe ambiental que coloca à prova a esperança e a resiliência de inúmeras pessoas? O que se percebeu, na experiência concreta, é que diante de situações limites algumas pessoas parecem assumir para si a condição do “continuar é preciso”, “ter espiritualidade e acreditar em Deus é preciso”, “ajudar é preciso”; uma espécie de (eco)espiritualidade que se coloca continuamente em ação.

A espiritualidade é necessária. É ela que nos move, que nos liga e relaciona com o Criador do qual recebemos a graça e a força para continuarmos vivendo e caminhando, respondendo ao mais profundo do nosso chamado. A espiritualidade nos coloca em sintonia e em relação com toda a Criação e com o Criador. É a espiritualidade que nos possibilita estar em comunicação, em atitude de abertura diante das coisas novas que a atual conjuntura nos proporciona.⁷

Da definição de espiritualidade acima, várias características puderam ser observadas no grupo de voluntariado acompanhado, tais como a força, a sintonia, a relação e a comunicação, que foram extremamente necessárias diante da realidade enfrentada naquele momento. Além disso, uma outra característica da espiritualidade também estava presente naquele grupo de voluntariado: a da oração. Todos os dias eram iniciados com um grande círculo, que reunia os voluntários presentes, e alguém fazia a oração. Sobre a oração, Perondi diz:

Embora necessária, a ritualização sistemática da liturgia muitas vezes engessou a oração e o relacionamento com Deus, impondo modelos fixos e formais. Tantas vezes, rezamos fórmulas prontas e não rezamos a vida; rezamos experiências dos outros e não sabemos rezar as nossas. Se, de um lado, é necessário recorrer aos textos clássicos e às experiências bem-sucedidas, é certo que torna-se também necessário fazer com que os mesmos se encarnem em nosso cotidiano, abrindo espaços para a espontaneidade e novidade.⁸

⁶ Salmo 137, 1.

⁷ PERONDI, Ildo. Espiritualidade cristã na pós-modernidade. **Cadernos de Teologia Pública**, São Leopoldo: EST, ano V, n. 41, 2008.

⁸ PERONDI, 2008, p. 8.

Os momentos de oração compartilhados parecem evidenciar justamente que, para aquele grupo de pessoas reunidas, a espiritualidade, a busca pelo divino, pelo transcendente era uma realidade vivenciada nas ações do cotidiano. Havia pessoas de diferentes credos e mesmo pessoas sem religião. No entanto, os momentos de oração nunca foram um problema ou questão a ser discutida.

Ao analisar algumas características da espiritualidade contemporânea descritas por Perondi⁹, é possível identificar ao menos três que estavam presentes no grupo de voluntariado: 1) a espiritualidade do conflito e da crise, que deve nos levar a rezar o que estamos vivendo. Não pode ser uma espiritualidade alienante e nem nos fazer fugir do mundo; 2) a espiritualidade comunitária e eclesial, pois ainda que a espiritualidade deva trazer a marca da nossa individualidade, ela deve ser comunitária; é a espiritualidade de um povo, de uma comunidade. Nosso Deus é Trindade, é comunidade e 3) a espiritualidade do serviço, quando servimos aos irmãos (sobretudo os mais pobres e excluídos) é que nos realizamos como pessoas, que damos sentido à nossa vida, ao nosso ser cristão.

Ainda no que se refere à espiritualidade, Perondi recorda a expressão minorias abramicas, comumente utilizada por Dom Hélder Câmara:

Todo rio nasce de uma fonte pequena, mas é a união das várias fontes que forma o rio. O grupo é necessário, é lugar de partilha e de fortalecimento. Dom Hélder Câmara profetizava a necessidade de união entre os pequenos grupos proféticos que encontrava por todos os lugares onde andava, aos quais chamava de “minorias abramicas”. A aventura espiritual requer a dimensão comunitária, um lugar para partilhar, conviver, sair do isolamento e da solidão do mundo moderno. Hoje também devemos estar atentos aos novos espaços e estruturas que se abrem como lugares de vivência da fé.¹⁰

A experiência de solidariedade do grupo de voluntariado, vivenciada sob a perspectiva de “novos espaços e estruturas que se abrem como lugares de vivência de fé”, torna possível a reflexão sobre o termo diaconia. Soares, em estudo sobre a diaconia no Novo Testamento e em diálogo com a realidade latino-americana e suas igrejas hoje, analisa o termo em suas relações com missão e evangelização, por um lado, e com o envolvimento sócio-político, por outro lado. O estudo mantém que diaconia é sempre necessariamente profética e analisa o que isso significa para as comunidades cristãs em sua presença solidária junto ao povo oprimido.

⁹ PERONDI, 2008, p. 11-14.

¹⁰ PERONDI, 2008, p. 18-19.

Em geral, quando falamos de diaconia ou serviço, queremos referir-nos ao ministério da Igreja relativo às necessidades humanas materiais, promocionais, de assistência ou de solidariedade. A diaconia seria o serviço da Igreja no campo sócio-político-cultural. Hoje, particularmente, esse ministério poderia resumir-se em três palavras: assistência social, solidariedade, ações de transformação.¹¹

Importante frisar que, enquanto instituição confessional católica, a escola específica é entendida também como igreja, como um espaço de educação e evangelização. Por isso, sempre que nos referimos à igreja, estamos compreendendo também a escola onde o grupo de voluntariado realiza a sua experiência.

A diaconia é entendida como ministério específico da igreja, conforme se percebe das funções que o diácono realiza:

[...] servir à mesa no sacramento do corpo de Cristo, como expressão de seu serviço às necessidades (partilha) do Corpo vivo de Cristo; interceder, trazer diante de Deus as necessidades do povo; proclamar o evangelho, as exigências do evangelho; enviar a comunidade ao mundo para aí operar o serviço de Deus. Na linguagem de hoje, diríamos que o ofício do diácono é expressar e tomar efetiva a relação entre Igreja e mundo, entre liturgia e serviço, entre a comunidade e o movimento popular, entre a Igreja e as necessidades e entidades da chamada sociedade civil.¹²

Mesmo com esta definição, não é como se alguém, na igreja, apenas exercesse um serviço ou uma função específica, mas se trata da própria definição de igreja. “A Igreja de Jesus ou é diaconia, ou não é Igreja de Jesus.”¹³ É importante também perceber que “O objetivo da Diaconia do Evangelho é criar *koinonia*, comunhão, solidariedade comunitária”¹⁴. Assim, evidencia-se a estrita relação que existe entre diaconia, enquanto serviço eclesial, e sociedade civil, observada desde a experiência concreta dos primeiros cristãos, indicando a própria identidade da Igreja:

No mundo helenístico antigo, o termo *koinonia* – derivado de *koinós* (comum) ou de *koinein* (colocar em comum) – significa a relação fraterna das pessoas entre si, quer dizer, sua solidariedade, irmandade ou fraternidade, próprias da vida social. Formam, então, comunidade aqueles que partilham ou colocam em comum o que têm e o que são. Para qualificar o primeiro grupo de crentes em Cristo ressuscitado, o Novo Testamento emprega o termo *ekklesia*, que pode ser traduzido, segundo alguns exegetas, como assembleia ou comunidade convocada por Deus em Jesus Cristo. O Novo

¹¹ SOARES, Sebastião Armando Gameleira. Diaconia e profecia. **Estudos Teológicos**. São Leopoldo, v. 39, n. 3, p. 207–230, 1999.

¹² SOARES, 1999, p. 208.

¹³ SOARES, 1999, p. 208.

¹⁴ SOARES, 1999, p. 210.

Testamento também emprega a palavra koinonia, que se traduz por comunhão.¹⁵

Diante de uma situação concreta, da necessidade específica de ajuda e solidariedade que algumas pessoas enfrentavam, outras se colocaram à serviço, fazendo desabrochar, na sua forma mais genuína, a diaconia. E foi dessa experiência radical e transformadora de serviço e doação que brotou também a consciência de espiritualidade e, ousa-se dizer, de uma espiritualidade cristã. Interessante perceber, novamente, a relação igreja-sociedade, pois a partir dela é possível falar de uma “diaconia sócio-política, que leva a igreja enquanto comunidade a transbordar para a sociedade que a cerca.”¹⁶ Essa mesma relação também torna possível a aproximação do termo ecoespiritualidade. Ao realizar uma forma de diaconia relacionada à ação concreta em um momento de desastre ambiental, é possível fazer a relação entre ecologia e espiritualidade. Neste sentido, Silveira e Silveira afirmam que as:

[...] contingências ecológicas estimulam novas concepções e práticas religiosas no tempo e no espaço, e promovem um deslizamento da religião institucionalizada para uma dimensão de espiritualidade. [...] ecoespiritualidade, conjugada no plural como religiosidades ecologicamente reimaginadas, procura se contrapor à teleologia do progresso que se move em uma perspectiva espaço-temporal linear, evolucionista e positivista-quantitativa. A ecoespiritualidade traz uma sensibilidade ambiental que aponta para o horizonte holístico da relação entre humanos e não humanos.¹⁷

Os autores se apoiam no pensamento de Christopher Partridge¹⁸ para definir a sua concepção de ecoespiritualidade:

[...] as imbricações e afinidades entre a busca religiosa e a consciência ambiental moderna [...] um fenômeno difuso, cheio de religiosidade translúcida e globalmente orientado que procura responder às contingências que caracterizam a sociedade de risco global através do “reencantamento” da relação entre a humanidade e a natureza.¹⁹

¹⁵ FLORISTÁN, Cassiano. Comunidade. TAMAYO, Juan José (Org.). **Novo Dicionário de Teologia**. Tradução de Celso Márcio Teixeira; Antonio Efro Feltrin e Mário Gonçalves. São Paulo: Paulus, 2009, p. 83.

¹⁶ SOARES, 1999, p. 214.

¹⁷ SILVEIRA, Emerson José Sena; SILVEIRA, João Paulo. Ecoespiritualidade: religião e a nova gramática espaço-temporal. **REVER: Revista de Estudos da Religião**. São Paulo, v. 19, n. 3, p. 79, set./dez. 2019.

¹⁸ PARTRIDGE, Christopher. **The Re-Enchantment of the West: alternative spiritualities, sacralization, popular culture and occulture**. Nova Iorque: T&T Clarke International, 2005. 2V.

¹⁹ SILVEIRA; SILVEIRA, 2019, p. 80.

Além disso, é importante mencionar que Silveira e Silveira pensam a dimensão da ecoespiritualidade para além da religião enquanto registro institucional e do arranjo do tipo igreja com o qual estamos acostumados. Assim, utilizam do pensamento do Sociólogo James Beckford²⁰ para pensar a religião:

Através dessa lente interpretativa, compreendemos o significado religioso que atravessa o ímpeto ambientalista, mas também os comportamentos corriqueiros de alguns sujeitos que procuram, através da alimentação, do cultivo de hortas, da não agressão aos animais ou do turismo ecológico, os meios para alcançar a autêntica experiência de contato com a natureza e consigo mesmos.²¹

A ecoespiritualidade é associada, inicialmente, à uma forma de interioridade individual e isso se deve ao entendimento de que a transformação espiritual deve acontecer primeiramente no âmbito da consciência, como compreendem Cristiana Carvalho e Carlos Steil²² ao discutirem a relação entre ecologia e as religiões do eu verdadeiro. Tal foi a percepção diante da vivência junto ao grupo de voluntariado aqui tratado: pessoas com as mais distintas experiências de vida e que, aparentemente, estavam abertas a uma dimensão de espiritualidade que lhes era proposta através da relação e cuidado com um outro/outra mais frágil naquele determinado momento. Essa nova consciência de que falam os autores, “produziria estados mentais e comportamentos capazes de proporcionar aos sujeitos algum tipo de bem-estar ou, se levarmos em conta a dimensão mais comunitária, o bem-viver.”²³ Vê-se, assim, a relação que vai acontecendo entre espiritualidade, diaconia e cidadania.

4 Voluntariado como cidadania participativa a partir da dignidade humana

O grupo de voluntariado surgiu a partir de uma das piores catástrofes ambientais e climáticas do Estado do Rio Grande Sul. Ele também evidenciou a fragilidade de direitos básicos que ainda não são garantidos pelo poder público e que afetam a dignidade humana, tal como o direito à moradia em local seguro, pois desde

²⁰ BECKFORD, James A. **Social Theory and Religion**. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2008.

²¹ SILVEIRA; SILVEIRA, 2019, p. 92.

²² CARVALHO, Isabel Cristina Moura; STEIL, Carlos Alberto. A sacralização da natureza e a ‘naturalização’ do sagrado: aportes teóricos para a compreensão dos entrecruzamentos entre saúde, ecologia e espiritualidade. **Ambiente & Sociedade**. Campinas, v. 11, n. 2, p. 289-305, 2008.

²³ SILVEIRA; SILVEIRA, 2019, p. 93.

a década de 1970, pelo menos, cientistas brasileiros têm produzido estudos robustos sobre as inundações no estado. E desde os anos 2000, analistas avaliam que se houvesse uma convergência geográfica, hidrográfica e meteorológica poderia haver uma enchente igual ou superior à ocorrida em 1941.²⁴

Para Strelhow, “o conceito de dignidade humana é elemento chave nas discussões de direitos humanos. É ele que, de certa forma, embasa e rege a constituição dos direitos da humanidade.”²⁵

Atualmente, o termo direitos humanos tem sido tratado por uma parcela da população e reforçado por diferentes personalidades, principalmente políticas e religiosas, como algo errado. Por isso, comumente os direitos humanos são desconsiderados da vida das pessoas, principalmente das pessoas mais pobres. Diante de tal realidade, chama a atenção um movimento espontâneo de pessoas que se organizam para, voluntariamente, atender às necessidades de uma parcela da sociedade que não teve direitos básicos garantidos, evidenciando, ao mesmo tempo, o grau de desigualdade econômica, social e política, por um lado, e uma aproximação com a lógica do evangelho de Jesus Cristo, que pretendia vida digna e humana para todos e todas, por outro lado. Sobre a dimensão da humanidade, Strelhow afirma:

[...] o ser humano se constrói enquanto em relação, em comunicação, no contato proximal com outros humanos. Esta é uma relação pautada pela tensão e dinamicidade, que afirma, através da sua possibilidade de comunicar-se, a sua constituição, como sujeito em processo de criação. É nesta relação que o ser humano constrói a sua identidade e a identidade de quem lhe cerca.²⁶

O que decorre dessa afirmação é que, antes de qualquer coisa, aquele grupo de voluntários estava constituindo, em si mesmo e nas outras pessoas ajudadas, as suas identidades de seres humanos, a partir da comunicação e relação entre si. Um ser humano disponível e consciente de seu papel cidadão, e outra pessoa necessitado de ajuda.

²⁴ MONITCHELE, Marília. De 1941 a 2024: por que as enchentes são desafio constante no RS. **Veja [on-line]**. São Paulo, 8 mai. 2024.

²⁵ STRELHOW, Thyeles Moratti Precilio Borcarte. A constituição da dignidade humana: aportes para uma discussão pós-metafísica. **Cadernos Teologia Pública**. São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos – IHU, ano XIII, v. 13, n. 119, ano XIII, 2016.

²⁶ STRELHOW, 2016, p. 4.

Neste sentido,

[...] é mister que se reinterprete a dignidade humana na perspectiva da coletividade, com sua construção a partir das relações sociais. Desta forma, é possível discutir uma cidadania participativa elaborada para além da representação. [...] Há que se ter como prioridade prática, não apenas discursiva, elementos que atendam aos anseios sociais da maioria e não apenas das corporações.²⁷

O termo cidadania participativa expressa bem a ação de voluntariado realizada e apresentada neste trabalho. Junto à ideia de cidadania participativa é necessário considerar outras duas qualidades, que podem contribuir para a melhor compreensão. Strelhow faz referência a Corrêa²⁸ para explicitar a diferença entre cidadania social e cidadania política:

Deste modo, é importante fazer uma diferenciação entre a cidadania social e cidadania política. A primeira faz parte do pertencimento a uma nação, com o exercício do direito fundamental, a saber, direito a ter direitos. Esta é a base inicial para que se possa exercer cidadania. A segunda qualificação de cidadania tem como apoio a atuação pública do sujeito de direitos. É a possibilidade de uma ação, na pretensão de igualdade, na *polis*. A dimensão política da cidadania visa à participação de construção da realidade de forma conjunta para a realização de direitos humanos. Assim, a cidadania se constitui em pertencer para poder participar. É uma tarefa dinâmica e de disputa na possibilidade da concretização do sujeito de direitos.²⁹

Pela experiência vivenciada, foi notório que as pessoas voluntárias se sentiam, e ainda se sentem, pertencentes a um determinado espaço e reconhecidas com outras pessoas, o que lhes dava maior motivação para o engajamento nas ações realizadas. É neste sentido que Strelow considera a cidadania como um termo que tem a sua noção acontecida no desenvolvimento da história, pois “no momento em que o sujeito se reconhece e é reconhecido como parte da história, parte do mundo que o rodeia, ele é capaz de ter um agir propositivo em sua realidade.”³⁰ Trata-se, neste caso, de uma ação entendida como cidadã.

²⁷ STRELHOW, 2016, p. 1.

²⁸ CORRÊA, Darcísio. **A construção da cidadania**: reflexões histórico-políticas. 4. ed. Ijuí: Unijuí, 2006. p. 210-216.

²⁹ STRELHOW, 2016, p. 17.

³⁰ STRELHOW, 2016, p. 18.

E como ação cidadã, de um sujeito inserido na história em um local e contexto específicos e que se relaciona com pessoas específicas, é possível falar sobre a atuação cidadã de uma forma participativa. “Neste exercício de cidadania, os sujeitos, detentores de direitos, reconhecidos como inacabados, e em estabelecimento de relações que provocam mudanças históricas.”³¹ Uma cidadã ou um cidadão que se julgue participativa ou participativo precisa se perceber como sujeito histórico, inacabado e detentor de direitos, ao mesmo tempo em que reconhece a diversidade humana e seus diversos pontos de encontro que constituem sua dignidade.

O ser humano é constituído de relação, relação consigo mesmo, com a pessoa próxima e com Deus. E é através das diferentes formas relações que constrói a sua identidade e a dos outros e das outras. A partir das relações, a pessoa pode contar a sua própria história, pode propor mudanças a partir das suas necessidades e das necessidades da pessoa próxima. Assim, as relações acontecem também através do exercício de cidadania participativa, que visa efetivar a capacidade da pessoa enquanto sujeito de direitos. Utilizando um termo teológico, é possível dizer que as relações propõem comunhão, exigindo a responsabilidade coletiva do cuidado.

O ser humano, constituindo-se para a comunhão, tem a tarefa de cuidar e de exercer ações responsáveis que vão ao encontro da coletividade. O exercício da cidadania, através do ato comunicativo, não pode ser pautado por satisfações individualistas presentes na concepção consumista atual. O ser humano, em processo de construção, relacional e dinâmico, tem no relacionamento com o/a outro/a o seu ponto de encontro para constituir-se. Nesta perspectiva, a dignidade humana não é um penduricalho que enfeita cada pessoa, mas, em relação, prevê que a destituição do acesso do/a outro/a às condições de vida plena é o rompimento da construção da dignidade humana do eu-em-si.³²

Assim, ficou evidente como a prática do voluntariado, realizada num ambiente confessional, o qual seja uma escola católica, contribuiu para o desenvolvimento de uma consciência cidadã mais participativa e, ao mesmo tempo, de uma espiritualidade encarnada na história pessoal das pessoas envolvidas na ação e da relação existente entre estas dimensões.

5 Considerações finais

³¹ STRELHOW, 2016, p. 19.

³² STRELHOW, 2016, p. 20.

Diante da proposição inicial deste artigo, a qual seja, refletir sobre a possibilidade de uma ecoespiritualidade a partir da concepção de espiritualidade cristã e sua relação com a diaconia e a cidadania participativa, foi possível compreender que a prática do voluntariado, ligada à dimensão religiosa e compreendida como diaconia, pode reforçar a ideia de uma ecoespiritualidade encarnada na história pessoal dos sujeitos e da época atual e, ao mesmo tempo, contribuir para o desenvolvimento de uma cidadania participativa.

A experiência vivenciada com aquele grupo de voluntariado fez entender que a diaconia está relacionada também com a capacidade de sensibilidade social e que a igreja não está à parte das realidades do mundo, mas participa delas e busca contribuir para superar aquelas que são contrárias à dignidade humana, oferecendo um espaço de acolhida e de ação concreta com que quer que se identifique com o seu jeito de ser. Tal sensibilidade social é que faz a igreja lutar e servir pela transformação das estruturas injustas da sociedade; é o que faz, ou deveria fazer, a igreja ser crítica da política, da economia, da ecologia e de todas as outras dimensões que afetam a dignidade da vida das pessoas e das comunidades quando, intencional ou não, impactam negativamente a manutenção da vida e a renovação dos recursos da Terra, criação de Deus. Isto não tanto como uma questão de participação política, mas sobretudo como uma questão de construção do Reino de Deus.

Quando a noção de cidadania é entendida como uma dimensão que acontece na história pessoal - que se faz também coletiva - de cada ser humano e que este é constituído de relação (consigo mesmo, com a pessoa próxima, com a natureza e com Deus), ela pode, cada vez mais, se aproximar da noção de diaconia e ecoespiritualidade. Pensar uma forma de cidadania participativa, em vista de efetivar a capacidade das pessoas enquanto sujeitos de direitos significa se aproximar do fazer teológico, pensando em práticas e relações que propõem comunhão e exigindo responsabilidade coletiva de cuidado - ou diaconia - para contribuir na construção do Reino de Deus.

Ao nos depararmos com o conceito de ecoespiritualidade é evidente que estamos diante de um fenômeno produzido pelas interpelações ecológicas lançadas à dimensão da espiritualidade dos seres humanos contemporâneos, o que pode ou não estar associada a uma dimensão de religiosidade. Em alguma medida, a resposta

aos perigos decorrentes de uma forma de vida exploratória dos recursos naturais e dos dons pessoais de cada ser humano, aparece também em forma de espiritualidade ecologicamente orientada ou, conforme tratado neste trabalho, como ecoespiritualidade.

Referências

BECKFORD, James A. **Social Theory and Religion**. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2008.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura; STEIL, Carlos Alberto. A sacralização da natureza e a 'naturalização' do sagrado: aportes teóricos para a compreensão dos entrecruzamentos entre saúde, ecologia e espiritualidade. **Ambiente & Sociedade**. Campinas, v. 11, n. 2, p. 289-305, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-753X2008000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 jun. 2025.

CORRÊA, Darcísio. **A construção da cidadania**: reflexões histórico-políticas. 4. ed. Ijuí: Unijuí, 2006. p. 210-216.

CORULLÓN, Mónica. Trabalho voluntário: manual. **Espiritualidade e Sociedade**. Disponível em: <https://www.espiritualidades.com.br/Artigos/C_autores/CORULLON_Monica_tit_Trabalho_Voluntario_Manual.htm>. Acesso em: 24 jun. 2025.

FLORISTÁN, Cassiano. Comunidade. TAMAYO, Juan José (Org.). **Novo Dicionário de Teologia**. Tradução de Celso Márcio Teixeira; Antonio Efro Feltrin e Mário Gonçalves. São Paulo: Paulus, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MONITCHELE, Marília. De 1941 a 2024: por que as enchentes são desafio constante no RS. **Veja [online]**. São Paulo, 8 mai. 2024. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/ciencia/de-1941-a-2024-porque-as-enchentes-sao-desafio-constante-no-rs/>>. Acesso em: 24 jun. 2025.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. O trabalho voluntário e a ONU. **Nações Unidas**. Disponível em: <<https://www.un.org/pt/rio/carreiras/voluntariado#:~:text=De%20acordo%20com%20as%20Na%C3%A7%C3%B5es,estar%20social%20ou%20outros%20campos>> Acesso em 23 jun. 2025

PARTRIDGE, Christopher. **The Re-Enchantment of the West**: alternative spiritualities, sacralization, popular culture and occulture. Nova Iorque: T&T Clarke International, 2005. 2V.

PERONDI, Ildo. Espiritualidade cristã na pós-modernidade. **Cadernos de Teologia Pública**, São Leopoldo: EST, ano V, n. 41, 2008.

SILVEIRA, Emerson José Sena; SILVEIRA, João Paulo. Ecoespiritualidade: religião e a nova gramática espaço-temporal. **REVER: Revista de Estudos da Religião**. São Paulo, v. 19, n. 3, p. 79, set./dez. 2019.

SOARES, Sebastião Armando Gameleira. Diaconia e profecia. **Estudos Teológicos**. São Leopoldo, v. 39, n. 3, p. 207–230, 1999.

STRELHOW, Thyeles Moratti Precilio Borcarte. A constituição da dignidade humana: aportes para uma discussão pós-metafísica. **Cadernos de Teologia Pública**. São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos – IHU, ano XIII, v. 13, n. 119, 2016.